

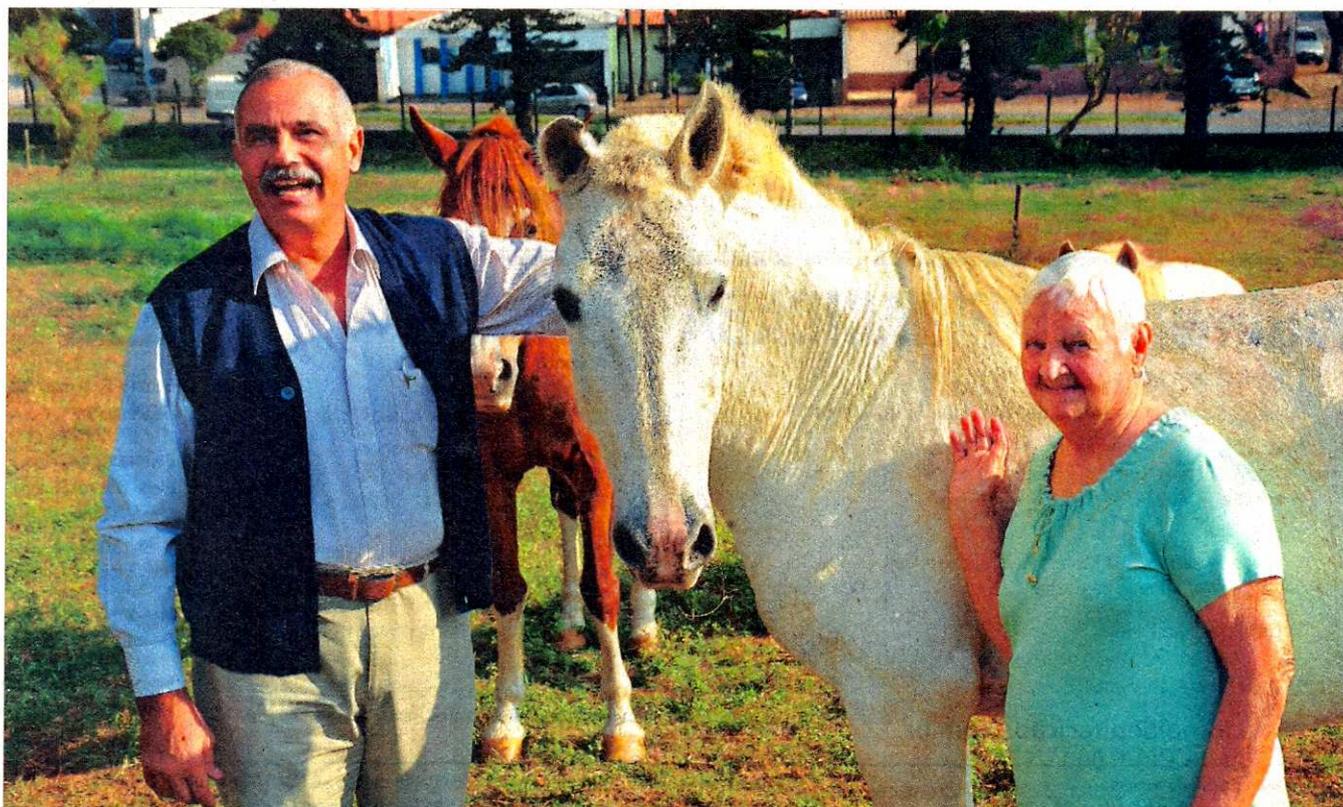
Projeto de equoterapia completa 10 anos

O projeto de equoterapia da Esalq completa, este mês, dez anos de atividades. Ontem, em

ato simbólico, houve o descerramento de uma placa comemorativa além de um balanço das ações

desenvolvidas. Ao longo desta década, houve cerca de 80 mil atendimentos. **A 6**

Pauléo/JP



O coordenador e professor do projeto, Claudio Maluf Haddad, e a voluntária Maria José Stolf Herling, a dona Zezé

Projeto da Esalq completa 10 anos

Pauléo/JP

Há cerca de seis anos, a aposentada Maria José Stolf Herling, 82, comemora a chegada das quintas-feira. É que dona Zezé, como é conhecida, tem trabalho voluntário junto às mães dos 65 praticantes do projeto de equoterapia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

Especialmente neste mês, ela e outros voluntários, assim como profissionais das áreas de saúde e educação, têm mais um motivo para comemorar: o aniversário de 10 anos do projeto. Ontem, em ato simbólico, além de um balanço das ações do projeto, houve o desceramento de uma placa comemorativa.

Uma iniciativa pioneira dentro das Universidades Públicas, o projeto é desenvolvido no setor de equinocultura do departamento de Zootecnia (LZT) da Esalq desde 2001, o projeto oferece tratamento terapêutico e educacional complementar utilizando o cavalo como instrumento de reabilitação de pessoas com deficiência física e/ou mental. O objetivo é melhorar o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social dos atendidos pelo projeto.

Segundo o coordenador e professor do projeto Claudio Maluf

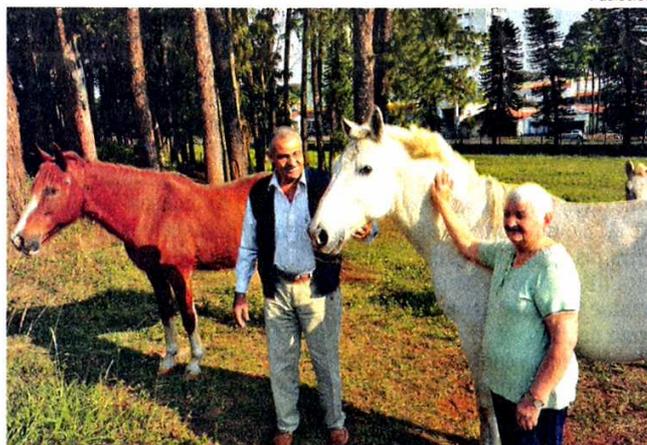
Haddad, a iniciativa sempre teve como alicerce três obrigações: a extensão, com prestação de serviços à comunidade; o ensino, com a formação de novos equoterapeutas; e a elaboração de pesquisa.

De acordo com Haddad, foi com essa base que nestes 10 anos cerca de 80 mil atendimentos foram prestados, uma média de 8.000 por ano. Aproximadamente 450 equoterapeutas formaram-se e de 28 a 30 trabalhos científicos foram publicados em revistas especializadas.

“É um projeto maduro, mas ainda carece de recursos financeiros para aumentar o tamanho do atendimento. Temos uma capacidade ociosa da ordem de 30% e que só pode ser coberta se houver um aporte financeiro”, revelou.

Haddad espera que a iniciativa privada tome conhecimento da seriedade do projeto e colabore, por exemplo, com a adoção de um ou mais praticantes. “Isso é responsabilidade social. O setor público já colabora, mas seria ideal a participação das empresas. Algumas já participam”, reiterou.

O coordenador lembrou que o serviço voluntário — que ao longo destes 10 anos contou com cerca de 500 pessoas — é aberto à população e, assim como dona Zezé, à



Claudio Maluf Haddad e Maria José Stolf Herling, a dona Zezé

qualquer profissão e alunos das áreas afins.

“Acabei sendo o maior beneficiado. As crianças especiais nos ensinam bastante da vida”, afirmou Mário Albuquerque, 57, voluntário desde abril deste ano. “Esse é o grande balanço e temos a plena consciência que melhoramos muito a qualidade de vida daqueles que estiveram sob nossa atenção, o que aumenta nossa responsabilidade”, finalizou Haddad.

PROJETO — O projeto conta com profissionais nas áreas de fisioterapia, fonoaudiologia, psico-

logia, equitação e voluntários da graduação e pós-graduação, com atendimento às terças, quartas, quintas e sextas-feiras. Atende praticantes com diagnóstico de paralisia cerebral, síndromes genéticas, como a Síndrome de Down, autismo etc. É filiado e reconhecido pela Ande Brasil (Associação Nacional de Equoterapia) e, em 2005, foi reconhecido pela USP (Universidade de São Paulo) como o segundo melhor projeto envolvendo atendimento à população carente em conjunto com atividades de ensino e pesquisa. (Ignácio Garcia Junior)